

EXCLUSIVO: PRESOS
CASTRADOS NA BÓSNIA

VISÃO



MAFIA À SOLTA NOS CASINOS PORTUGUESES

CINCO CRIANÇAS AFOGADAS
A VERDADEIRA HISTÓRIA
DA TRAGÉDIA DO ALVA



AÇORES390\$00
MADEIRA370\$00

Tranquilo e infalível como Bruce Lee

No próximo dia 25, em Lisboa, Caetano Veloso explica como a modernidade é sempre feita de heranças

NUNO MIGUEL GUEDES

Ele tem voz de sorriso. Sempre que está a cantar, está a sorrir, mesmo quando não está. Quem disse isto olhava extasiada para Caetano Veloso, há uns anos atrás, no Coliseu de Lisboa. A frase saiu-lhe de um transe qualquer, enquanto Caetano cantava *Leãozinho*.

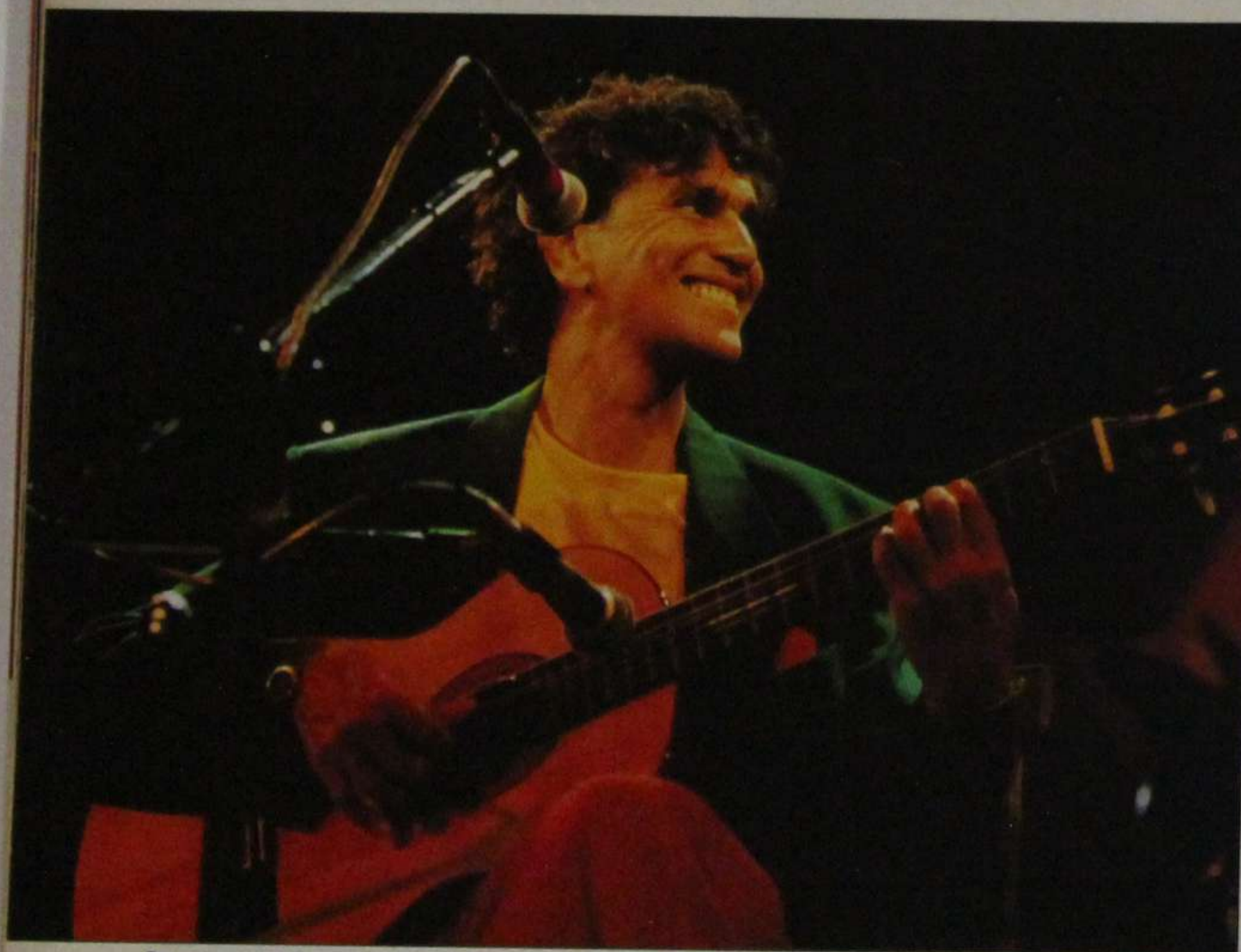
seu período mais radical mas necessário (o Tropicalismo dos anos 60), não se lhe poderá apontar qualquer cedência ao gratuito. Onde muitos dos seus amigos fraquejaram e se arrastam hoje por um cinzento sem nome (Gilberto Gil, o exemplo mais do que perfeito), Caetano tem o gosto, o talento e o bom senso de procurar a modernidade sem perder de vista, por um milímetro

Recuando, avança sempre. E é esse estado de quase perfeição que ele irá mostrar no Centro Cultural de Belém.

CIRCULADÔ O espectáculo lisboeta de Caetano está integrado na digressão *Circuladô*, de que já há testemunho gravado (o CD duplo *Circuladô Vivo*, da Polygram, que sucede ao disco de estúdio *Circuladô*). É um show que resume de uma forma insuperável o muito que ele deu à música popular brasileira e universal. Ao lado das canções tipicamente caetaneantes — com uma mestria fonética brilhante («Itapuã/tuas lamas algas/almas que amalgamas») ou declarações de intenções fortes como em *Um Índio* —, Caetano recria (e a palavra é mesmo esta) canções de Erasmo e Roberto Carlos, Jobim e Vinícius, Dylan, Michael Jackson, Gardel — o formidável *Mano a Mano* —, o baiano Ary Barroso e Vicente Paiva e Luiz Peixoto. *Circuladô* é um espectáculo de memórias e descobertas, e de como lembrar é necessário para descobrir.

Os músicos que o acompanham são os mesmos que estiveram na gravação do disco ao vivo: Jacques Morelenbaum (violoncelo), Luiz Brasil (guitarra), Marcelo Costa (bateria), Dadi (baixo), Marcos Amma (percussão) e Wellington Soares (percussão adicional). Entretanto, correm rumores de que Pilar Homem de Melo irá cantar com o seu amigo, estando tudo dependente de condições de ensaio. Se isto suceder, Caetano só tem a ganhar por incluir no seu espectáculo a rapariga que um dia o encontrou na praia e lhe disse que lhe tinha escrito uma canção. A amizade que daí nasceu pode transcender-se no dia 25 de Junho.

O melhor que o Brasil tem está a invadir Portugal, com muito prazer nosso. Primeiro, Jobim; depois, Chico; agora Caetano. Quando voltar um dos dois maiores cantores vivos do mundo e ídolo comum aos três nomes anteriores — João Gilberto —, a nossa felicidade estará completa. Para já, tudo para Belém, ouvir o sorriso cantar o *Sampa*. ■



Caetano Veloso: a eterna procura do novo

Nunca ouvi uma crítica tão apaixonada e tão certa. Gostava de poder ouvir a sua autora quando, no próximo dia 25, Caetano estiver a caetanejar no Centro Cultural de Belém. O sorriso e a voz ganharam alguns anos, mas continua a não haver razões de queixa.

Caetano Veloso escolheu um caminho arriscado: o da eterna procura do novo. Por vezes, terá cambaleado, mas nunca caiu. Se não contarmos com o

que seja, a tradição. O novo é sempre uma herança, e Caetano gere-a como ninguém. Por isso, atravessa o tempo como se passeasse numa praia baiana — a cantar.

Quando Caetano Veloso convida nomes como Arto Lindsay (*maxime* da modernidade arty nova-iorquina, lado a lado com John Zorn) ou Riyuchi Sakamoto, não esquece João Gilberto ou compositores como Ary Barroso.

VISÃO

Elogio da imperfeição

Acção, muita acção, no filme de estreia de Jorge Marecos Duarte

TERESA CARMO

A expectativa é grande. A primeira longa-metragem de Jorge Marecos Duarte entronca na chamada vertente «comercial» do cinema português, uma abstracção que convém desde já pôr no seu lugar: o do absurdo. Acontece que, tradicionalmente, este tipo de filmes colhe mal junto da crítica portuguesa (veja-se o caso exemplar do último filme de Joaquim Leitão). Tem-se por certo que a falta de meios é uma força no «cinema português» (outra abstracção, demasiado cretina para ser argumentada). Não uma fraqueza, mas uma característica terna que é preciso contornar, o que até tem sido prosseguido com alguma felicidade. Acontece que *Encontros Imperfeitos*, sem ser um grande filme, corre o risco de, mais do que contornar, tentar ultrapassar tais fatalidades de produção.

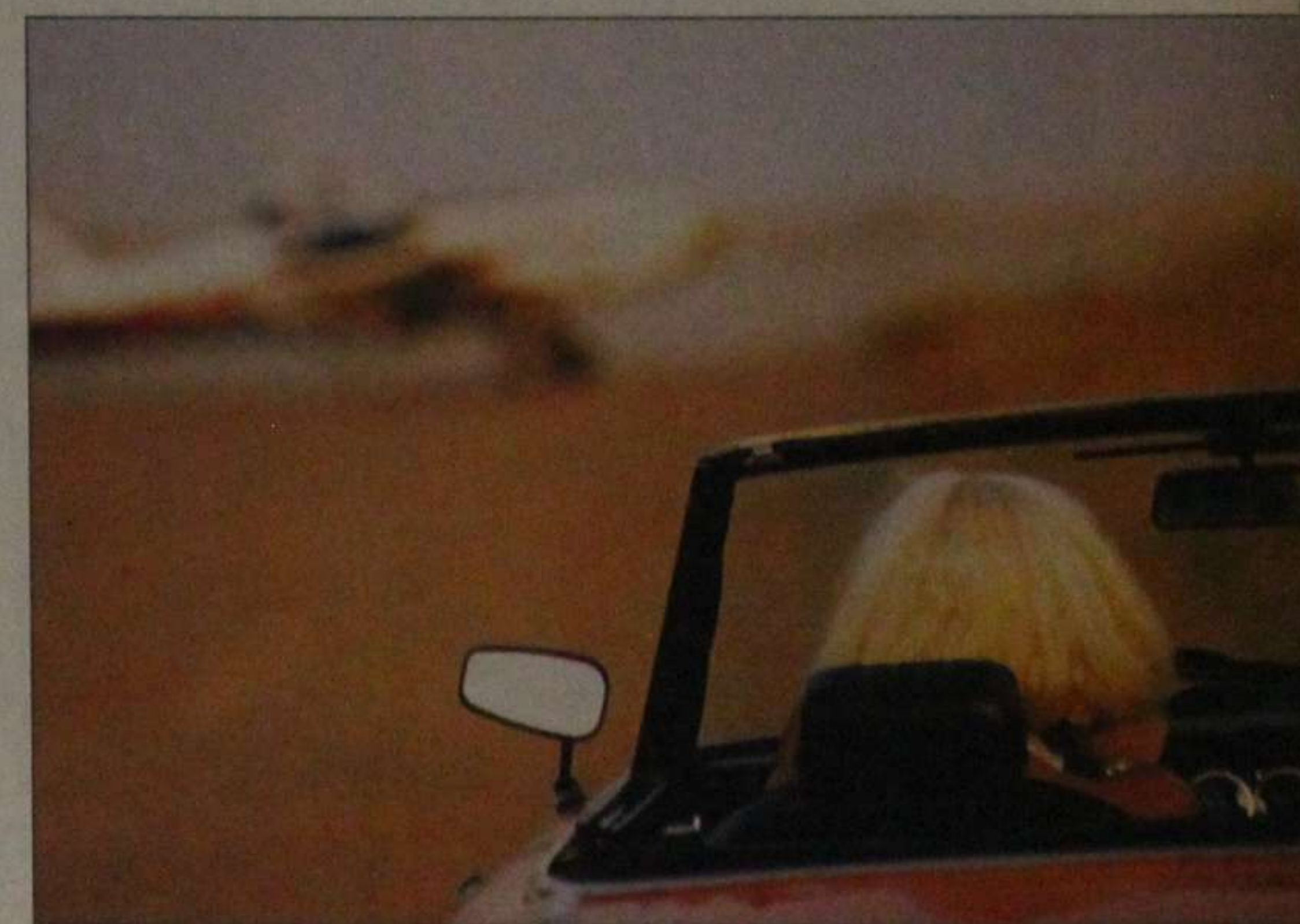
É essa a sua grande virtude: arriscar. Mesmo se às vezes perde muito, por isso mesmo, pelo menos a vontade de o fazer é de um saudável (e raro) inconformismo. Segundo o realizador, o ponto de partida para o argumento (de Doc Comparato) foi «a procura: alguém que procura alguém». É esta a trave mestra que alimenta a atmosfera de quase thriller do filme. Mário (Diogo Infante) é um jovem metido numa embrulhada de identidades, que só o interessa verdadeiramente quando a sua vida está em risco. Num passado algo obscuro em África, envolveu-se inadvertidamente num atentado que passou por acidente. Como última testemunha viva do caso, transforma-se em alvo a abater pela organização conspirante. Mas o que o move verdadeiramente é a perseguição apaixonada de Alice (Fátima Belo), um amor perdido num encontro falhado, onde supostamente deixaria tudo para viver por ele. Do seu lado tem apenas um tio (Nicolau Breyner), que o defende mesmo quando esmurrado até à exaustão, e uma estranha mulher fatal (Paula Guedes) que lhe sai ao caminho como todas as fatais: casualmente, mas com muita convicção.

Disto se alimenta um filme que aposta muito mais na acção que na filosofia o que, não sendo crime nenhum, exige uma finura a que, infelizmente, o argumento não responde. A clareza narrativa que este tipo de cinema pede, só existe

muito irregularmente. Os dados da situação são postos na mesa demasiado tarde, com engasgues quase fatais para o discorrer da acção — por que razão o «mau» louro, em vez de disparar tiros não dispara tiros, e como é que descobre o paradeiro de Mário?

Mas existem virtudes e refiro-me especificamente a aspectos técnicos que atingem um crédito de verosimilhança invulgar. As sequências aéreas são credíveis (embora os bons resultados tenham levado a um abuso...), a pancada, os tiros e as explosões não são de fãncaria e acredita-se que os corpos queimados estão mesmo a arder. Jorge Marecos Duarte admite que este «é um filme maravilhosamente produzido atendendo ao orçamento que teve». E, de facto, estamos em presença de um caso em que se vê no ecrã o dinheiro da produção (assinada por Pedro Correia Martins/S.P. Filmes). O orçamento final atingiu os 113 500 contos, provenientes do IPC (60 mil de subsídio e 20 mil a título de empréstimo), RTP (15 mil), Gulbenkian (2500), patrocínios (2 mil) e produtora, que fez um investimento considerável para o mercado português (14 mil contos).

Além desta fluidez técnica, a que é preciso acrescentar o (bom) som de Vasco Pimentel e a excelente banda sonora de Wagner Tiso, há bons achados no elenco, de nível insuspeito. Diogo Infante (da *Nuvem*, de Ana Luísa Guimarães) compõe um bom herói, Fátima Belo é uma revelação na sua primeira experiência como protagonista, Nicolau Breyner está muitíssimo bem no tipo de papel que melhor se lhe adequa (suado e humilde) e Maria João Luís está absolutamente à vontade no papel de mulher despeitada e amarga. A ideia de alourar



A grande virtude do filme é arriscar. Porque «nesta vida não há encontros perfeitos», é claro

Paula Guedes até ao excesso do platina-do resulta, e ver João Perry no grande ecrã é tão gratificante que só se pede que repita mais vezes a experiência.

J.M.D. obteve o master de realização no American Film Institute, foi assistente de realização de Fonseca e Costa e Fernando Lopes e fez vários documentários de carácter científico, além da curta-metragem *Viuvez Secreta* para a RTP. Entende o cinema como arte de contar histórias. «Parece-me que não há filmes sem intrigas, histórias, e a base destas é sempre a mesma: conflito e personagens. Há sempre um grande desafio quando se quer que o primado seja o da emoção, pois é por aí que se estabelece a relação entre a audiência e o ecrã». E isso *Encontros Imperfeitos* tenta ter, mesmo que nem sempre seja bem sucedido. Ah, e de chatos não tem nada, o que fica como aviso para os antiportugueses primários. Quem não arrisca não petisca e o filme merece, só pela coragem, ser um petisco de Verão nas salas portuguesas. ■

ENCONTROS IMPERFEITOS

De Jorge Marecos Duarte
Com Diogo Infante, Fátima Belo, Nicolau Breyner e João Perry
Lisboa: Amoreiras, Terminal e Warner Lusomundo.
Braga: Teatro Circo.
Coimbra: Avenida.

VISÃO